**Centro Cultural Ocupa Ouvidor: Rupturas e reexistências através da arte em uma ocupação no centro urbano/SP.**

Everton Vitor Pontes da Silva[[1]](#footnote-1)

Natalia Francisca da Silva [[2]](#footnote-2)

# Resumo

Apresentamos neste artigo uma perspectiva sobre o Centro Cultural Ocupa Ouvidor que é uma ocupação protagonizada por artistas em um edifício de propriedade do governo do estado de São Paulo. Alí vemos processos de engajamento sociopolítico e ativismos artísticos no enfrentamento contra a gentrificação no centro urbano de São Paulo, que vem sendo manifestado nos últimos três anos por meio das intervenções artísticas na ocupação. Esses processos serão analisados a partir de uma pesquisa de inspiração etnográfica que nos mostra tanto as atividades artísticas alí realizadas (oficinas, cursos, feiras, exposições, mostras, saraus, instalações, performances, etc), quanto as narrativas dos ocupantes/artistas. Finalizamos apresentando algumas considerações sobre a importância artística, social e política desta ocupação e possibilidades de reexistencia alí esboçadas, suas formas de negociação com as institucionalidades, importância artística e social enquanto centro cultural sem vínculo com o estado/poder público. Ressaltamos que, o presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - Brasil (CAPES) - Código de Financiamento 001.

**Palavras-chave**

Ocupa Ouvidor; Ocupação; Arte Urbana; Reexistência; Gentrificação.

**Introdução**

Este artigo toma como base perceber as articulações que se fazem presentes na manutenção/gerenciamento colaborativo entre os artistas/ocupantes que fundaram e mantêm o Ocupa Ouvidor na região central da cidade de São Paulo, assim como, buscamos perceber também as relações/negociações mantidas entre a organização da ocupação artística que não é institucionalizada, em relação ao poder público de São Paulo e suas logicas institucionais, burocráticas e hierárquicas. É importante ressaltar aqui, que a ocupação existe desde 2014, que anteriormente foi um prédio publico já pertenente ao estado de São Paulo, que em 2016 abriu edital para leiloa-lo enquanto a ocupação Ouvidor 63 já existia, o prédio também já foi propriedade da Secretária de Cultura e da CDHU (Centro de Desenvolvimento Habitacional e Urbanistico), posteriormente virou um cortiço em 1997 e foi desocupado/abandonado em 2005 (Falcão, 2014). Desde 2014 a ocupação permanece, e cada vez mais potencializando sua capacidade de organização horizontal e colaborativa, a fim de legitimar o Ocupa Ouvidor enquanto centro cultural oficializado.

Imagem 01 – Ocupação Ouvidor 63



Fonte: Fotografado pelo autor.

Buscamos nesse texto, analisar como se dão as relações dos agentes/artistas que vivem e/ou frequentam/colaboram com o espaço, em relação as burocracias e institucionalidades do poder exercido pelos órgãos públicos (estadual/municipal). Tomamos como objeto de estudo a própria ocupação (enquanto território identitário) que foi intitulado pelos artistas/ocupantes de: “Centro Cultural Ocupa Ouvidor”, e a relação entre uso do espaço e intervenções/manifestações artísticas. Exemplos do uso de diversas linguagens da arte enquanto código distintivo e identitário desses artistas/ocupantes, são as ilustrações (grafites/lambes/pichações) manifestadas de diferentes formas por todo o edifício, estando impressa nas paredes internas/externas, teto, chão, fachada, portas e janelas, materializando a construção simbólica da territorialidade que o Centro Cultural Ocupa Ouvidor representa.

Através dessa perspectiva, buscamos perceber como desenrolam-se as relações (negociadas/conflituosas) no engajamento sociopolítico, os usos do espaço urbano e as territorialidades constituídas, motivadas e expressadas pela arte, sendo costuradas por suturas de maneira subversiva e não-hegemônica ao que se refere às normas pré-estabelecidas pelo poder público. Propomos a análise por meio de uma pesquisa de inspiração etnográfica na ocupação, documentação audiovisual e entrevistas com artistas/ocupantes e idealizadores do Centro Cultural Ocupa Ouvidor, tomando como enfoque a trajetória de reexistência e engajamento social, político e artístico motivado pela ocupação e seus ocupantes/artistas.

**Arte urbana enquanto ferramenta de reexistência.**

Propomos nesse artigo uma perspectiva mais abrangente ao pensarmos arte e suas relações sociais e políticas na contemporaneidade, por uma ótica em que a arte e suas mensagens possam transpassar suportes, técnicas e/ou lugares pré-estabelecidos historicamente como sendo apropriados. Com um olhar mais especificamente direcionada a arte urbana e suas relações com a cidade, percebemos que suas manifestações podem se dar de diferentes e múltiplas maneiras, como: nas artes visuais através do *graffiti*, pichação, lambe lambe e *stickers*; na música através de gêneros musicais e dança no *hip hop, break. funk*); em performances de artistas de rua (musical, teatral e/ou circense); na estética e construção identitária através da moda, performatividade e estilo de vida. Percebemos que a arte urbana se manifesta de diferentes formas e em linguagens variadas, permitindo que a observemos enquanto elemento multifacetado que dialoga com relações identitárias, ideológicas e políticas ligadas a cidade e suas relações sociais.

Pallamin (2000) aponta que refletir sobre arte urbana é refletir sobre como se dão as relações sociais e perceber como se desenrolam as culturas urbanas. Para a autora tais relações se dão por meio da ordem simbólica, no momento que há uma troca de sentidos e influências entre os agentes sociais e o viver/relacionar-se das culturas urbanas. Essa perspectiva nos ajuda a compreender melhor como se estruturam as negociações e processos de sentidos ideológicos, identitários e sociopolíticos no fazer artístico na ocupação Ouvidor 63.

Percebemos que a arte urbana vem sendo articulada como um outro modo de escape nas relações existentes entre agentes sociais (população) e territórios urbanos (cidade/poder público), pois a arte urbana possibilita o surgimento de brechas e momentos de rupturas das logicas do sistema, muitas vezes sendo ferramenta que negocia e proporciona visibilidade para grupos/causas/ideologias que se encontram nas bordas das logicas sociais e que na maioria das vezes são invisibilizadas.

Ao pensarmos nas relações entre a arte que é criada/aplicada de maneira polarizada e constante na ocupação Ouvidor 63, percebemos que os processos criativos, ideologias e posicionamento sociopolíticos se articulam como forma de manifestação e reexistência desses grupos que por muitas vezes, de maneira coletiva e colaborativa, articulam táticas que possam ser usada como elementos de luta, engajamento sociopolítico e/ou ideológico e reexistência na busca por visibilidade, reconhecimento e oportunidades na sociedade hegemônica.

Segundo Certeau (1995) as táticas são astúcias cotidianas que se dão articuladas entre os agentes sociais que não detêm o poder hegemônico, esse processo se dá a fim de contornar estratégias estruturadas e convenções sociais pré-estabelecidas hegemonicamente. Tais táticas que são articuladas pelos artistas da ocupação são o que negocia e possibilita e potencializa o processo de engajamento sociopolítico e conquista de visibilidade desses grupos envolvidos, tendo grande importância e sustentando as diversas formas de reexistência. Para os artistas e suas produções artísticas que corroboram na ideologia e sentidos do Ocupa 63, não basta resistir, é preciso lutar diariamente para buscar a existência combatendo o processo de invisibilização. São esses conflitos e engajamento sociopolitico que dão sentido à luta e práticas artísticas que reafirmam suas identidades perante a hegemonia social e o poder público, na tentativa de que o que eles denominam como Centro Cultural Ocupa Ouvidor não sofram total exclusão social e apagamento.

Quando adotamos o termo reexistir neste artigo, temos por pretensão unir as palavras: existir e resistir. Propomos reexistência para pensar como a ocupação Ouvidor 63 se estrutura e articula negociando com o poder público, está relacionado ao agir sobre os discursos de silenciamento e invisibilização desses grupos que estão nas bordas da sociedade hegemônica. Segundo Maciel (2018) reexistir é para grupos/agentes periféricos uma forma de luta e possibilidade de discordar de imposições de lógicas capitalistas e neoliberais, potencializando a força de grupos/agentes sociais que se encontram nas bordas da sociedade. A reexistência que se constrói no Ouvidor 63 se estabelece além do fato de ser uma ocupação, mas principalmente está estabelecida através do processo de criação artística e reafirmação da arte urbana como elemento fundamental de engajamento, propondo potencialidades e possibilidades de rupturas que ora ou outra escapa pelas brechas, buscando legitimar/reafirmar suas identidades, ideologias e lutas propondo possibilidades outras para produzir/vivenciar a arte urbana e seus reflexos sociopolíticos.

Para Souza (2011) manifestações artísticas urbanas (vindas principalmente das periferias) são ferramentas articuladas por esses grupos que se encontram nas bordas sociais, como tática para conquistar visibilidade e legitimar seus posicionamentos e suas falas. Segundo a autora, esses processos são formas de reinvenção das práticas e dos usos da linguagem produzidas na esfera do cotidiano, trazendo-as e as adaptando para suas realidades. Percebemos que esse processo são articulações que pretendem construir diálogos entre as lógicas hegemônicas sociais e as realidades muitas vezes excluídas desses agentes subversivos, construindo táticas que buscam possibilidades de reexistir e se integrar socialmente.

Os artistas do Centro Cultural Oculpa Ouvidor buscam encontrar de forma coletiva e colaborativa não apenas o intuito de criar/produzir arte urbana, mas principalmente buscar outras possibilidades de dar novos sentidos ao fazer artístico, buscando dignidade, reconhecimento e inclusão social.

Segundo os artistas/ocupantes, a ocupação Ouvidor 63, que a cada dia recebe novas visitas e artistas de diversos segmentos artísticos, culturas e regiões, funciona hoje com o intuito de se estabelecer enquanto Centro Cultural Ocupa Ouvidor (legitimado), além de receber visitantes e promover oficinas, cursos, feiras, exposições, mostras, saraus, instalações, performances, entre outros eventos, atualmente a ocupação funciona como uma espécie de “universidade independente” que faz uso da troca de conhecimento entre os artistas, que usam o prédio para além da moradia, mas também para fazer o que eles chamam de residência artística. Esse processo estabelecido pelos organizadores do ouvidor é uma forma de gerir e manter a manutenção da produção artística no prédio, ou seja, todo artista que reside no prédio precisa produzir arte, tal residência é organizada por uma lista de espera de outros artistas que pretende passar pelo prédio nos próximos anos.

A gestão do prédio é feita de forma horizontal (com um comité gestor), desse modo todas as decisões tomadas para que seja possível a manutenção do prédio, são de forma colaborativa, possibilitando a “formação” de novos artistas residentes e que o Centro Cultural Ocupa Ouvidor se estabeleça cada vez mais e seja reconhecido. Essas lógicas propostas pelo Ouvidor 63 mostram as possibilidades de enxergar a arte enquanto ferramenta de reexistência para grupos que são ivisibilizados pela sociedade e pelo poder público.

**Engajamento sociopolítico contra higienização hegemônica.**

Segundo os ocupantes/artistas do Ouvidor 63, a principal motivação para que a ocupação acontecesse foi o fato de haver mais imóveis desocupados na cidade de São Paulo que famílias desabrigadas, essa inquietação e inconformismo em como as lógicas hierárquicas e a desigualdade social afetam urbanisticamente os usos da cidade. Percebendo que o edifício em questão não estava cumprindo sua função básica e primordial de abrigar e se tornar habitável, o grupo se mobilizou e retirou de dentro do prédio entulhos de décadas de ocupações anteriores, e organizaram-se para que fosse possível que o prédio tornasse a ser habitável concertando encanamento e fiação elétrica. A partir desse momento o Centro Cultural Ocupa Ouvidor passava a tomar forma, através da iniciativa de tornar aquele prédio abandonado pelos órgãos públicos em um lugar destinado além da moradia desses artistas, mas principalmente, um espaço para promover a produção artística e cultural.

Ainda que a proposta dos artistas/ocupantes do Ouvidor 63 seja uma proposta que pretende beneficiar a sociedade promovendo o acesso à arte e a cultura, além de ter base em uma visão urbanística que propõe a diminuição da desigualdade social e integração de agentes sociaais menos favorecidos (por muitos invisibilizados). O poder público e as instituições que gerenciam a cidade de São Paulo limita-se a interpretar que tais ocupantes/artistas são invasores que ocupam o prédio, é preciso ter em mente que o edifício em questão não é propriedade de pessoa física ou jurídica da iniciativa privada, mas sim, um edifício que pertence aos órgãos públicos, e por sua vez é também propriedade daqueles cidadãos pagadores de impostos que hoje o ocupam.

Arguelhes (2008) aponta em suas pesquisas sobre o processo de higienização na cidade de Belo Horizonte, segundo o autor a cidade passou por processos ideológicos progressistas, modernizadores e urbanísticos que baseavam-se na proposta higienizadora da sociedade, para que isso ocorresse foi preciso que a população mais pobre (classe trabalhadora usada como mão de obra para a construção da própria cidade) sofresse a desapropriação de moradia, tal reconfiguração hierárquica da área urbana central foi feita através de negociações políticas. É possível perceber o processo de higienização (assim como a própria nomenclatura define) serviu para limpar a pobreza do centro urbano, a afastando para as regiões mais estremas da cidade (subúrbios/periferias). Esse processo é algo que vem sendo implantado no centro antigo da cidade de São Paulo na tentativa de tornar a cidade limpa e “linda”, assim como propunha a campanha intitulada de “São Paulo, cidade linda” do então prefeito eleito em 2016 (João Doria).

Percebemos que existem iniciativas políticas que pretendem higienizar o centro antigo da cidade de São Paulo, o reabitando de maneira estética mais palatável e principalmente lucrativa. No que tange ocupações como a Ouvidor 63 (ainda que ocupação artística), para os órgãos públicos não é lucrativo investir no Centro Cultural Ocupa Ouvidor, assim como apontaram os artistas/ocupantes afirmando que a proposta da gestão pública de São Paulo é de que para que o centro cultural seja autorizado é preciso regulariza-lo e obter um alvará que ateste as condições estruturais do edifício para os usos aos quais ele se destina, no entanto o poder público não se disponibiliza para investir financeiramente nas reformas necessárias e deixa por conta dos artistas/ocupantes a responsabilidade da manutenção total do prédio, o que impossibilita que o Centro Cultural Ocupa Ouvidor seja reconhecido já que o mesmos tem os subsídios necessários.

Ainda que todo esse processo venha se desenrolando por alguns anos, é importante ressaltar o avanço que os artistas/ocupantes vêm conquistando (ainda que sem o subsidio necessário), esse processo mostra como o Ouvidor 63 resiste e busca legitimar sua existência. Não são apenas as questões sociais e de visibilidade que podemos observar quando vemos coletivos artísticos e ocupações como o Ouvidor 63, há também nessas relações questões de engajamento sociopolítico, que vão sendo idealizadas, unificadas e que mobiliza tais grupos moradia, seja em busca por visibilidade, moradia, dignidade e/ou respeito. O ato de ocupar um local que antes estava em situação de abandono é para além de torna-lo útil e faze-lo cumprir sua função, também é dar novos sentidos, usos e significados. O Centro Cultural Ocupa Ouvidor busca através de suas táticas de reexistencia, dar oportunidades a quem antes não tinha, a quem era excluído, invisibilizado e sem possibilidades reais de ser inserido socialmente.

Percebemos o Centro Cultural Ocupa Ouvidor enquanto território presente no centro de São Paulo e que vem consolidando sua identidade presente no centro urbano. É importante ressaltar que existem diferenciações entre o amplo sentido do espaço enquanto lugar habitável, e o território no qual se atrela sentidos, afetos e/ou processos identitários. Segundo Pereira (2016), o território/territorialidade, trata-se daquele local que se constrói por meio das afetividades e do imaginário que transpassa a simplicidade material do espaço dado. É no território onde as vivências, práticas, experiências e disputas ligadas ao real e aos simbólico se desenrolam em direção a construção de identidade e imaginário.

Segundo Tangerina (2010), as intervenções feitas por manifestações artísticas urbanas (arte de rua), é um processo em que os artistas se utilizam do espaço urbano enquanto suporte para demarcar o seu território de ação, como forma intencional de construir elos e afetividades com determinadas localidades. Percebemos que os artistas/ocupantes do Ouvidor 63 interagem e se relacionam com o prédio ocupado fazendo dele suporte/superfície para criar/produzir suas obras, o edifício passa a ser pintado, grafitado, pichado, colado e/ou adesivado com obras artísticas de todos que fazem parte desse processo coletivos, sendo preenchido paredes, teto, chão, escadas e fachada com intervenções artísticas que agregam ao prédio função de espaço para experimentação artística, atribuindo-o também identidade territorial arduamente legitimada enquanto ocupação artística Centro Cultural Ocupa Ouvidor. Bastos (2016), ressalta todos esses questionamentos ao pensar sobre as relações entre os sujeitos e o território. A autora faz uma leitura em sua pesquisa, onde supõe existir uma relação retroalimentada entre sujeitos e territorialidade, onde ao pensar o Baixo Augusta, a ideia que se constrói é que são as socialidades, usos e práticas dos grupos que constroem o imaginário da região, e em troca todo o imaginário do território passa a legitimar as identidades dos grupos/sujeitos que lá frequentam.

Dunker (2005), nos propõe pensar em como se articulam as táticas de resistência por parte do engajamento dos grupos juvenis na contemporaneidade, o autor afirma que tais grupos já não fazem uso das táticas articuladas por suas gerações passadas, que acreditavam em uma ideologia absolutamente “fora do sistema”, enquanto nos dias de hoje esse pensamento se faz ilusório. O autor supõe que os grupos juvenis atuais absorvem o que lhe é imposto por aqueles que estão no poder, mas no entanto, subvertem de maneira que usem de maneira resinificada e a seu favor. Esses aspectos nos fazem perceber as mensagens que ilustram o as obras produzidas pelos artistas Ocupa Ouvidro 63, são formadas muitas vezes por críticas de cunho social, político de maneira sarcásticas (porem direta) com a pretensão de causar incomodo sem intenção de ser uma arte necessariamente palatável.

Essas confluências de sentidos nos ajuda a compreender como se desenrolam as relações articuladas/negociadas pelos artistas/ocupantes do Centro Cultural Ocupa Ouvidor, para como o uso da cidade (centro urbano) e o poder público, e como a intervenção que é feita no território através da arte de rua está interligada com esses processos. Segundo Pontes (2017), são as experiências, vivencias e interferências articuladas, que o imaginário do lugar vai tomando forma.

**Ocupação do centro urbano e rupturas no processo de gentrificação.**

Nesse processo repleto de dualidades, percebemos que por um lado o que se pretende enquanto órgão não institucionalizado e que se quer denominado por Centro Cultural Ocupa Ouvidor, composto por ideologias e posicionamentos sociopolíticos, temos os grupos que se encontram a margem da sociedade lutando pela conquista de espaço, visibilidade e dignidade diante das lógicas sociais hegemônicas. Por outro lado, temos o poder público e as lógicas estruturalistas dos órgãos públicos da cidade/estado de São Paulo, elemento distintivo que ajuda a legitimar seu posicionamento.

Diante das relações conflituosas entre os artistas/ocupantes do Ouvidor 63 e o poder público, percebemos que eles encontraram nas artes ferramenta para sua luta. Sabemos que as artes são ferramentas de possibilidades de reexistir, sendo através das artes que atores sociais reexistem construindo novas possibilidades a fim de redefinirem suas identidades e posições sociais (Maciel, 2018). É importante ressaltar também que a arte urbana é uma prática social e suas obras permitem a apreensão de relações e modos diferenciais de apropriação do espaço urbano, envolvendo em seus propósitos estéticos o trato com significados sociais que as rodeiam, seus modos de tematização cultural e política (Pallamin, 2000).

Percebemos que existe atualmente muita dualidade nas relações entre os artistas/ocupantes da Ouvidor 63 com relação ao poder público, em que ora negocia-se e ora resistem de forma conflituosa. Segundo Hall (2000) negociações são processos que apresentam situações de coexistência conflituosa em constante atrito, segundo o autor esse processo pode ser definido como “ponto de sutura”, em que todos os lados ora resistem, ora negociam, ora conquistam, ora recuam, e desse modo as relações vão sendo costuradas/suturadas como um ponto cirúrgico, em que por um lado se aperta e por outro abrem-se brechas por onde se dão as possibilidades de escape. Pensar as relações existentes entre os artistas/ocupantes do Ouvidor 63, a proposta de tornar a ocupação no Centro Cultural Ocupa Ouvidor, as táticas articuladas através da arte enquanto ferramenta, o engajamento sociopolítico e ideológico que motivas o coletivo, em conflito com o poder público de São Paulo, as hierarquias e institucionalidades presentes na fundação da sociedade hegemônica, as propostas de higienização e gentrificação do centro urbano de São Paulo, são elementos que constituem uma situação de crise negociada/suturada como aponta o autor.

Percebemos que existem em toda essa cena e contexto construído nas relações dos órgãos públicos para com o centro antigo da cidade de São Paulo, a intenção de que a parte mais antiga do centro urbano da cidade seja higienizada passando pelo processo (talvez próximo) de gentrificação. Segundo Harvey (2003) o processo de gentrificação se dá pela desvalorização financeira e comercial de regiões como o centro antigo de São Paulo, que por diversos motivos com o passar dos anos foi perdendo sua função original transferindo-se para outras localidades. O autor aponta que o processo de gentrificação ocorre ao demolirem e subistituirem os imóveis existentes por outros (dando-lhes novas funções), processos ocorridos anteriormente em grande parte das metrópoles asiáticas e na potencia urbana mundial que é New York, sendo um processo de deslocamento e “acumulação por despossessão” guiado/estruturado pelas lógicas capitalistas. Percebemos que a falta de investimento e o interesse dos órgãos públicos de São Paulo em desocupar não só o Ouvidor 63, mas também todas as outras ocupações no centro urbano de São Paulo, ocorre devido interesses capitalistas por parte do estado/prefeitura. É importante ressaltar como afirma Harvey (2012), que o processo de gentrificação está causando inúmeros conflitos por desocupar e/ou desapropriar as classes sociais mais pobres com o intuito de reconstruir e agregar outros valores distintivos e hierárquicos em regiões centrais.

Os artistas/ocupantes do Ouvidor 63 terem passado a fazer uso do edifício que é propriedade do poder público e que esteve abandonado por anos, nos propõe uma discussão sobre o uso dos espaços públicos nos centros urbanos. Segundo Delgado (2011) pensar a noção do lugar denominado por espaço público é na realidade uma proposição ideológica, o autor aponta que o espaço público é maquiado/fetichizado como sendo lugar destinado ao uso de todos, quando na realidade ele é delimitado e objetificado. Portanto, ainda que o edifício em que hoje abriga os artistas/ocupantes do Ouvidor 63 seja um prédio de propriedade pública, as lógicas hierárquicas e estatais questionam e buscam impedir que o Centro Cultural Ocupa Ouvidor alí exista, discussão que supõe uma estrutura social em que esses grupos não poderiam fazer uso do espaço público, ainda que estivesse abandonado e inutilizado pelo poder público de São Paulo.

Para Gonzalez-Victoria (2011) pensar a problemática na compreensão das relações urbanas e dos usos da cidade enquanto espaço público na contemporaneidade é de importância primária, para a autora a cidade/o urbano é lugar de encontros onde os coletivos se inter-relacionam, é através das relações desses agentes sociais com seus territórios que eles passam a exercitar o conhecimento/reconhecimento dos encontros. É a partir desse reconhecimento que surgem novas maneiras articulação relações entre os agentes sociais e os usos dos espaços públicos. Percebemos que a partir do momento em que a ocupação Ouvidor 63 se estabelece com o intuito de tornar-se o Centro Cultural Ocupa Ouvidor, essa se faz uma proposta integradora e inclusiva que pretende proporcionar novos encontros, novas formas de usos da cidade e de dar novos sentidos a um espaço público até então abandonado pelos órgãos gestores de São Paulo.

**Considerações Finais**

Com base em todos os questionamentos apontados ao longo desse artigo, que buscou compreender e propor uma discussão a respeito dos questionamentos envolvendo a situação enquanto ocupação e sua produção artística, cultural e engajamento sociopolítico articulados entre os artistas/ocupantes da então Ocupação Ouvidor 63 situada no centro urbano da cidade de São Paulo. Propomos através do texto enaltecer a discussão que se desenrolam em torno da ocupação e suas negociações com o poder dos órgãos públicos de São Paulo, tendo em vista as evoluções e conquistas dos artistas/ocupantes, assim como, a pretensão e anseio por legitimar o espaço como Centro Cultural Ocupa Ouvidor que já se organiza de maneira coletiva e colaborativa, e incentiva a produção artística/cultural formando novos artistas.

Percebemos que a Ocupação Ouvidor 63 ainda que não institucionalizada, vêm se articulando através de táticas e de uma gestão horizontal e coletiva, que proporciona que artistas tenham um lugar para além de produzir arte, trocar conhecimentos e fazerem do processo de residência na ocupação, uma forma de residência artística e processo de aprendizado por outros meios que não o universitário.

O texto busca também articular questionamentos sobre temas urbanísticos, usos do espaço urbano/cidade e a má preservação e o abandono do centro antigo de São Paulo por parte de seus gestores. Assim como, propomos uma discussão e análise a respeito do processo de gentrificação que a cidade de São Paulo vem passando nos últimos anos, alertando-nos para uma possível/crescente crise urbanística nos próximos anos.

É importante apontar que enquanto o poder público, que gerencia São Paulo não têm feito nada para que os imóveis abandonados que existem no centro urbano da cidade se tornassem uteis, um grupo de artistas ilegitimados/invisibilizados em busca de moradia, o fizeram. Graças ao empenho desses artistas/ocupantes o Centro Cultural Ocupa Ouvidor nasceu, tomou forma e vêm ao longo dos últimos quatro anos reexistindo com a finalidade de habitar, produzir arte e cultura, e principalmente, dar novos usos e sentidos ao espaço público que por anos ficou abandonado.

**Referências**

ARGUELHES, Delmo de Oliveira; COSTA, Ana Carolina Silva da. **A higienização social através do planejamento urbano de Belo Horizonte nos primeiros anos do século XX.** Univ. Hum., Brasília, v. 5, n. 1/2, p. 109-137, jan./dez. 2008.

BASTOS, Bruna Freire. **Construindo identidades, espaços e sentidos: O consumo cotidiano na cidade de São Paulo, um olhar sobre a Rua Augusta.** São Paulo: ESPM, 2016.

CERTEAU, Michel de. **A Cultura no Plural.** Campinas: Papirus Editora, 1995.

DELGADO, Manuel. **El espacio público como ideologia.** Madrid: La Catarata, 2011.

DUNKER, Christian. **Zizec: um pensador e suas sombras.** In: DUNKER, Christian; PRADO, Aindar**. Zizec crítico: Política e psicanálise na era do multiculturalismo.** São Paulo: Hacker,2005.

FALCÃO, Manuela. **Ocupe.Art: Uma plataforma colaborativa como ferramenta de ressignificação de espaços.** Porto Alegre: UNISINOS, 2014.

GONZALEZ-VICTORIA, L. **Artes de acción: Re-significación del cuerpo y el espacio urbano.** Revisita Nodo. N 10, v. 5, 2011.

HALL, Stuart. **"Quem precisa da identidade?".** Petrópolis: Vozes, 2000.

HARVEY, David. **Paris, Capital of Modernity.** New York: Oxford University Press, 2003

HARVEY, David. **O direito à cidade.** Lutas Sociais, São Paulo, n. 29, julho/dezembro, 2012.

MACIEL, et. al. **Entextualizações em Eventos de Letramentos de Arte e Reexistência das Juventudes: Ressignificar para Reexistir em Contextos Periféricos.** São Paulo: Revista da ABPN, v. 10, Ed. Especial - Caderno Temático: Letramento de Reexistencia, 2018.

PALLAMIN, Vera M. **Arte Urbana ; São Paulo : Região Central (1945 - 1998): obras de caráter temporário e permanente.** São Paulo, Fapesp, 2000.

PEREIRA, Simone Luci. **Corporalidades, afrolatinidades, identidades: Circuito de festas de música “alternativa” em São Paulo/Brasil.** Portugal: KISMIF, 2016.

PONTES, Everton Vitor Silva. **Das Subculturas ao Alternativo: Um estudo etnográfico do Baixo Augusta.** São Paulo: UNIP, 2017.

SOUZA, Ana Lúcia Silva. **Letramentos de Reexistencia - poesia, grafite, música, dança: hip hop.** São Paulo: Editora Parábola, 2011.

TANGERINO, Denise **Engajamento Comunicacional e Novas Práticas de Consumo Juvenil: Trajetórias de Sociabilidade Urbana e Virtual dos Straight Edgers.** Rio de Janeiro: V ENEC, 2010.

1. Doutorando em Comunicação e Cultura Midiática na Universidade Paulista (Bolsista CAPES/PROSUP), Graduado em Design de Moda (2012) e em Artes Visuais (2016), Especialista em Jornalismo Cultural (2014) e em História da Arte/Teoria e Crítica (2018), Mestre em Comunicação e Cultura Midiática (2017).

   E-mail: e.vitorpontes@outllok.com. [↑](#footnote-ref-1)
2. Especialista em História da Arte/Teoria e Crítica (2018), Graduada em Jornalismo (2014), cursou Cinema Documentário e Educomunicação.

   E-mail: contato.nfrancis@gmail.com [↑](#footnote-ref-2)